



Fogo morto

José Lins do Rego

O contexto histórico: um tempo de crises

No ano de 1929 ocorre o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o que vai afetar violentamente o preço do café, principal produto de exportação do Brasil. No ano de 1930, Getúlio Vargas lidera uma revolução no Rio Grande do Sul, contra o governo de Washington Luís. Com apoio da Paraíba e de Minas Gerais, Washington Luís é deposto em pouco tempo, assumindo o governo do país uma junta militar provisória. É dissolvido o Congresso Nacional e, à exceção de Minas Gerais, os Estados passam a ser governados por interventores federais nomeados. Getúlio Vargas é aplaudido no Rio Grande do Sul e a nação apoia um governo revolucionário. O país entra em crise, enfrentando greves, tumultos. Os estoques de café, para garantia de preço, são queimados.

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

O Modernismo brasileiro, movimento artístico nascido em 1922, teve em sua primeira geração o arroubo da novidade. A rigor, o movimento viera com disposição de aniquilar o ideário precedente, de romper abruptamente com o passado mais absoluto. Se o Romantismo propusera a disponibilidade de regras e modelos, como apregoou Vítor Hugo, na França, fê-lo com relação ao modelo clássico. O Modernismo, entretanto, intenta romper com toda e qualquer estrutura passadista. Daí o "escândalo" provocado pela Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

Passado o calor da primeira fase, observa-se, a partir de 1930, uma postura modernista mais equilibrada: uma postura que, em lugar de se prender pura e simplesmente aos processos de desintegração do passado, torna-se mais voltada para a sobriedade, para um certo equilíbrio emocional, para uma ótica de crítica social e política e pelo interesse de uma visão de conjunto da realidade nacional. Dessa forma, procuram-se consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético, enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Assim, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade;
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos, entre outros.
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neorrealista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, e da qual o maior nome é, sem dúvida, Graciliano Ramos.

Como se vê, se de um lado o romance de 30 retalha e analisa a questão social do país, de norte a sul, por outro também reflete de maneira mais detida sobre o comportamento humano moral e psicológico.

O romance regionalista nordestino

Têm-se, entre José Américo de Almeida (*A bagaceira*), Rachel de Queiroz, (*O quinze*), e Jorge Amado (*Cacau, Jubiabá*), Graciliano Ramos e José Lins do Rego, os grandes expoentes dessa tendência, sendo José Lins considerado um dos maiores nomes.

O autor: um grande memorialista nordestino

Em 1935, instala-se definitivamente no Rio de Janeiro e passa a participar ativamente da vida literária e da atividade jornalística, colaborando em jornais como *O Globo* e os *Diários Associados*. Fanático por futebol — era um torcedor inflamado —, trabalhou também por várias instituições esportivas.

A parte mais significativa de sua produção é representada pelas obras do chamado ciclo da cana-de-açúcar: nesses livros, José Lins aborda a época de transição do engenho para a usina na região canavieira de Pernambuco e da Paraíba, construindo um grande e sério painel da situação histórico-social da região. Apresentado cunho memorialista e uma visão nostálgica em relação a um mundo que já passou, esse ciclo possibilita a recuperação do passado, expressa numa linguagem espontânea, autêntica, e acentuadamente marcada pela oralidade nordestina, num verdadeiro processo de “estilização da linguagem regional”. A influência dos cantores de feira do Nordeste faz-se sentir nitidamente.

O mundo do engenho é observado na fase de decadência do universo patriarcalista e autoritarista; trata-se, aí, do desmoronamento de um sistema tradicional, fundamentado no latifúndio e na escravidão.

Entre suas obras, destacam-se:

- romances do ciclo da cana-de-açúcar: *Menino de engenho*; *Doidinho*; *Banguê*; *O moleque Ricardo*; *Usina*; *Fogo Morto*
- romances do ciclo do cangaço: *Pedra Bonita*; *Cangaceiros*
- romances independentes: *Pureza*; *Água-Mãe*; *Riacho doce*; *Eurídice*
- memórias: *Meus verdes anos*.

A terra natal de José Lins do Rego, a pequena Pilar, no Estado da Paraíba, vivia dias conturbados, mas não era apenas lá, nem somente na Paraíba, que ocorriam duros golpes: as mudanças que se prenunciavam pairavam sobre todo lugar. É um período de guerras menores que levam à eclosão da Primeira Grande Guerra (1914/18), um flagelo para a humanidade. Esses conflitos, os tratados de Paz, a revolução comunista de 1917 na Rússia, o aparecimento de Mussolini são fatores que vão dividir o mundo em dois polos ideológicos. Maior agravamento é o aparecimento de Hitler (1933). Tudo isso gera uma transformação política, econômica e social em todo o mundo.

As mudanças culturais e estéticas vão produzir, na literatura nacional, a geração de escritores do Nordeste, voltados para os problemas socioculturais de sua região. Dentre eles, destaca-se José Lins do Rego. O escritor conhecera, na infância, o poder do senhor de engenho, vivera tal época, mas também trouxe marcas da derrota, da invasão, da violência. Sua obra é documentário fidedigno, mais que um retrato das mazelas do sertão nordestino.

Fogo morto: obra-síntese de um ciclo

Décimo livro a ser produzido por José Lins do Rego, *Fogo morto* é considerado, pela crítica, a obra-síntese do ciclo da cana-de-açúcar do autor: várias de suas personagens já haviam aparecido nos romances anteriores, bem como o mesmo cenário desolado e decadente. Assim, alinha-se nas fileiras de *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo* e *Usina*, mas apresenta uma diferença fundamental em relação a essas cinco: aqui, não está presente Carlos Melo, personagem-narrador das outras. A narrativa é

feita em terceira pessoa, por um narrador onisciente que tenta manter uma certa atitude de isenção, evitando interferir na narrativa.

Primeira Parte: “O Mestre José Amaro”

José Amaro reclama da vida, dos negócios fracos. Nisso, a filha, Marta, avisa-o de que almoço está pronto e Amaro convida o pintor Laurentino para comer com eles. A mulher desculpa-se: é almoço de pobre.

Segunda Parte: “O Engenho de Seu Lula”

No início da segunda parte do livro, temos uma regressão temporal, com o narrador retornando a 1850 ao contar a fundação do engenho Santa Fé pelo Capitão Tomás Cabral de Melo. Mudando-se para a região antes de 1848, compra as terras e funda o engenho que acaba por fazer prosperar. Casa sua filha Amélia com Lula Chacon de Holanda, seu primo, que pouco interesse ou aptidão tem para dirigir o engenho. Adoentado, deixa sua mulher, D. Mariquinha, dirigir os negócios.

Quando morre, Lula entra em disputa com a sogra e acaba por tomar-lhe as terras e o poder. Castigando os escravos com requintes de crueldade, andando com seu cabriolé para cima e para baixo, Seu Lula vai se afastando cada vez mais do povo de Pilar e seu engenho entra em total decadência quando vem a Abolição e seus escravos debandam. Autoritário, impede os homens de se aproximarem da filha.

Epilético, tem um ataque na igreja e passa a se dedicar com fervor à religião. Empobrecido, gasta até as últimas moedas de ouro que lhe deixou o sogro. Sente uma inveja enorme de seu vizinho José Paulino e de seu engenho Santa Rosa e despreza o espírito quixotesco de Vitorino Carneiro da Cunha. Esta parte se encerra com a frase melancólica: "Acabara-se o Santa Fé".

Terceira Parte: “O Capitão Vitorino”

Na terceira e última parte do romance predomina a ação. O capitão Antônio Silvino invade a cidade do Pilar, saqueia as casas e lojas. Invade o engenho Santa Fé, ameaça os moradores em busca do ouro escondido. Tentando defender o engenho, Vitorino é agredido e só a intervenção de José Paulino faz com que os cangaceiros desistam.

Vitorino apanha também da polícia, José Amaro e seus companheiros são presos e agredidos. No final, após serem libertados, Vitorino e o mestre José Amaro seguem rumos diferentes. O primeiro pensa em influir politicamente na região. O segundo, abandonado pela mulher, com a filha louca e expulso de sua casa, acaba por cometer o suicídio, enquanto o cabriolé de Lula passa pela estrada e o Santa Fé virou "engenho de fogo morto".

Assim termina a terceira e última parte do livro. *Fogo Morto* se divide em três partes. Em cada uma a personagem principal representa uma camada da sociedade nordestina miserável da época. São seres relegados à pobreza, submetidos ao destempero de uma polícia brutal, voltada para os interesses dos mais fortes.

As personagens principais

O conjunto das personagens em *Fogo Morto* expressa a condição sociocultural nordestina. De um lado, opressores, poderosos, opositores do progresso, da industrialização que virá matar os engenhos. De outro lado os desprovidos, maltratados, escravizados pobres que dão a vida e o trabalho sem qualquer recompensa ou consideração. O ambiente é propício ao surgimento de bandoleiros, defensores de oprimidos ou a serviço de grandes políticos e/ou latifundiários.

Entre as personagens que povoam a narrativa, destacam-se:

- **Mestre José Amaro:** protagonista da primeira parte, é um seleiro, profissão que herdou do pai. Vive nas terras do engenho Santa Fé, contrariando a vontade do dono da propriedade. Revoltado contra a estratificação e as injustiças sociais, nem por isso consegue meios de lutar por seus ideais. Ao fim do romance, na terceira parte, é totalmente derrotado pelo seus problemas e por sua incapacidade e insensibilidade para resolvê-los e suicida-se.
- **Marta:** filha do mestre José Amaro, é reprimida, maltratada e sufocada pelo pai, que desejava ter tido um filho homem. Aos trinta anos, está solteirona, triste e desesperançada, o que se agrava com a violência do pai e a leva à loucura.
- **Dona Sinhá:** mulher de José Amaro, casara-se com ele sem amor, porque já estava ficando velha. Não gosta do marido; ao contrário, sente nojo dele e raiva pelos maus tratos que sofre juntamente com a filha.
- **Antônio Silvino:** cangaceiro, chefe do bando, constitui o perfil estereotipado desses homens tão comuns à época no nordeste. Rouba dos ricos e ajuda os pobres. Representa uma esperança de justiça para o mestre José Amaro, que se põe a ajudá-lo.
- **Torquato:** cego que também colabora com os cangaceiros, chegando a ser preso por isso.
- **Capitão Vitorino:** é o protagonista da terceira parte do livro, mas já aparece no começo da primeira parte. É considerado como uma das personagens mais bem concebidas do autor. Espécie de D. Quixote do sertão, luta pela justiça social e contra todo tipo de opressão e arbitrariedade. É ridicularizado no começo, chamado de "papa-rabo", mas cresce ao longo da narrativa, adquirindo dimensão e estatura diante de todos
- **D. Adriana:** é a mulher de Vitorino, que se casar com ele sem amor, só para fugir da miséria. No começo, tem muita vergonha das façanhas e infelicidades do marido e pensa em abandoná-lo, mas, no fim da narrativa, com a ajuda de Luís, o filho marinheiro que os visita, compreende sua real estatura humana.
- **Coronel José Paulino:** dono do engenho Santa Rosa, é um homem sério, honesto, trabalhador e muito bravo, que fez sua propriedade prosperar e produzir bem. Exerce influência social, tem autoridade e recebe também os cangaceiros, de acordo com seus interesses.
- **Coronel Lula Chacon:** é o dono do engenho Santa Fé, que já está de fogo morto. Incompetente, arbitrário, preguiçoso, dado a refinamentos de sociedade, mostra-se totalmente incapaz de comandar o engenho quando o herda do sogro, o capitão Tomás. Após a morte dele, briga com a sogra e transforma-se num tirano com todos, inclusive a mulher. É obcecado pela filha Neném, a quem impede de ter uma vida normal, levado por doentio ciúme. No fim da vida, velho, epilético, fanaticamente religioso.
- **Amélia:** é a mulher do coronel Lula de Holanda. Foi educada em Recife, num colégio de freiras, e toca piano; é sensível e delicada, mas teve de trabalhar pesado por causa da incompetência do marido.
- **Capitão Tomás:** pai de Amélia e sogro de Lula, é um homem trabalhador, corajoso, forte e também autoritário, senhor de escravos. Tem tendência à depressão, e entrega-se a ela quando percebe o erro que cometera escolhendo Lula para genro.
- **D. Mariquinha:** mulher do capitão Tomás, é forte, decidida e trabalhadora. Briga com o genro pelo engenho após a morte do marido, mas acaba morrendo também.
- **Olivia:** filha do capitão Tomás e D. Mariquinha, irmã de Amélia, é doida e piora por causa dos desmandos do cunhado.
- **José Passarinho:** é o negro que se afeiçoa ao mestre José Amaro e fica com ele depois que a mulher parte. Cantador e alcoólatra, para de beber quando se envolve com os cangaceiros. Descobre o corpo de Amaro quando ele se suicida.

O foco narrativo

O romance se narra em terceira pessoa, do ponto de vista do narrador, aproveitando o falar característico da população inculta. É o documentário de um falar característico, áspero como o é o homem sertanejo. Tem-se um narrador onisciente, que penetra no interior das personagens e se vale muitas vezes do discurso indireto livre, do monólogo interior.

O tempo

O trabalho com o tempo é mais observado na segunda parte, com predomínio do tempo cronológico e o uso de *flash backs* para a apresentação de determinadas personagens.

O espaço

Predomina o espaço físico da região dos engenhos na pequena cidade de Pilar, na Paraíba. Na primeira parte, o espaço privilegiado é a casa de José Amaro e as suas vizinhanças. Na segunda parte, o engenho Santa Fé. E na terceira, tem-se a ampliação do espaço, transcorrendo a ação em vários lugares, como a cidade de Pilar, com suas ruas e casas, a cadeia; a casa do mestre José Amaro, o engenho Santa Fé e a casa do capitão Vitorino.

O estilo (a linguagem)

À época da publicação de *Fogo morto*, já está estabelecida a preocupação do registro linguístico popular e é esse registro que ocupará a atenção do romancista. Suas próprias origens favorecem a captação mais autêntica dessa linguagem. Segundo Cavalcanti Proença o uso de vocabulário, dos provérbios, das frases de efeito apontam para a existência de uma linguagem falada que se distancia da linguagem literária mas “de possível aproveitamento, quase exclusivo, numa narrativa literária”. A linguagem do autor traduz o falar dos cantadores do Nordeste. O romance de José Lins do Rego é depositário de raízes culturais de linguagem puramente marcada pela oralidade nordestina. Utilizou um estilo próprio, pessoal, moldado em frases curtas, obedecendo, na sintaxe, a simplicidade da ordem direta. Sua capacidade de criar tipos e a habilidade narrativa fazem de sua obra uma das páginas mais belas e mais importantes da literatura regionalista. É considerado um dos mais populares escritores nordestinos do segundo momento do Modernismo, depois de Jorge Amado.

Atividades

Texto para as questões de 1 a 4 :

“A égua vazava água por um dos olhos e a brida arrebitada enterrava-lhe de boca adentro. O pintor quis despedir-se mas Vitorino queria falar mais. A cara larga do velho, toda raspada, os cabelos brancos saindo por debaixo do chapéu de pano sujo, davam-lhe um ar de palhaço sem graça.

— Boa viagem, capitão Vitorino, tenho que chegar cedo em casa.

— Diga a estes cachorros que o capitão Vitorino Carneiro da Cunha é homem para o que der e vier.

E esporeou a égua com fúria. O animal pulou de lado, quase que deitando por terra o cavaleiro. Vitorino, apurando-se, gritou:

— Bando de cachorros!

Um moleque escondido atrás duma moita de cabreira apareceu de repente na frente do animal para espantá-lo.

— Papa-Rabo, Papa-Rabo!

Vitorino sacudiu a tabica que golpeou o vento com toda a força.

— Papa-Rabo é a mãe, filho da puta.

E o moleque a gritar, quase que nas pernas do velho enfurecido. Vitorino queria que a égua tivesse força para atropelar o atrevido; fincava as esporas, e nada; era aquele passo preguiçoso, aquele se arrastar de ossos velhos. Lá mais para longe gritou outro moleque:

— O rabicho caiu.

A figura de Vitorino era toda de indignação, de um desespero terrível.

— Cambada de cachorros. Eu sou Vitorino Carneiro da Cunha, homem branco, de respeito.

Falava só, gesticulava como se mantivesse um diálogo com um inimigo. Sacudia a tabica com uma fúria de louco.

— E o diabo desta besta que não anda!

E castigava a égua com impiedade. Pela estrada silenciosa o pisar mole da montaria espantava as lagartixas. O capitão Vitorino Carneiro da Cunha atravessava as terras do coronel Lula de Holanda, do Santa Fé. Ali era a grande aroeira que dava mal-assombrado. Ele não acreditava. Ele não tinha medo de coisa viva, de coisa morta. Passou a pé uma mulher de saia vermelha.

— Bom dia, seu Vitorino.

— Dobre a língua, não sou de sua laia. Capitão Vitorino. Paguei patente foi para isso.

— Me desculpe, seu Vitorino.

— Vá se danando. Vá atrás dos seus machos.

— Cala a boca, velho debochado.

Vitorino quis levantar a tabica agressivamente. A mulher correu para cima do barraco e abriu nos desaforos:

— Velho mucufa. Quem é que não te conhece, cachorro velho.

— Papa-Rabo — gritaram mais adiante.

— É a mãe.

A mulher deixou a estrada e o capitão Vitorino foi continuando a sua viagem. Com pouco mais era a casa do _____. Sim, era o _____, eleitor de voto livre, o seu compadre _____ . [...]"

José Lins do Rego, *Fogo morto*

Baseando-se na leitura e análise da obra *Fogo morto*, responda ao que se pede:

1. A que parte do romance pertence o fragmento transcrito?
2. Quem é o pintor a que o texto se refere?
3. Explique quem é, na história, o compadre do capitão Vitorino. Por que o texto se refere a ele como "eleitor de voto livre"?

4. "Diga a estes cachorros que o capitão Vitorino Carneiro da Cunha é homem para o que der e vier." Explique essas palavras da personagem.

Os fragmentos abaixo foram transcritos da obra *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Leia-os atentamente, para responder às questões que seguem:

I.

"Capitão Tomás Cabral de Melo chegara do Ingá do Bacamarte para a várzea do Paraíba antes da revolução de 1848, trazendo muito gado, escravos, família e aderentes. Fora ele que fizera o Santa Fé."

II.

"Coitada da filha. E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias."

5. Quem é a personagem referida no primeiro excerto? Comente seu relacionamento com o Coronel Lula.

6. Quem são as personagens — o pai e a filha — a que o fragmento II se refere?

7. Por que o pai implica tanto com a filha?

8. Que se pode afirmar, quanto à linguagem de José Lins do Rego, na Literatura Regionalista do Nordeste?